



ID: 108069727

10-11-2023 | ÍPSILON

José Marmeleira
(Texto)
Rui Gaudêncio
(Fotografia)

Parte do Leffest, a exposição *Éloge de l'image – Le Livre d'image* abre amanhã em Lisboa. É obra de um colaborador próximo de Godard.



Andar dentro do cinema de Godard

É de bom humor, mas não sem alguma tristeza que Fabrice Aragno (Neuchâtel, 1970) recusa a condição de especialista em Jean-Luc Godard (1930-2022). “Se for especialista, é no Jean-Luc, não em Godard”, diz, enquanto nos acompanha pelas salas do Palácio Sinel de Cordes, Lisboa. “Há muita gente que sabe mais do que eu sobre Godard, há muitos livros, textos que ajudaram a construir uma imagem. Quando o conheci, ele era apenas Jean-Luc e assim foi quando desapareceu. Já o mundo ficou sem o Godard.” Colaborador próximo do cineasta suíço, Aragno está em Lisboa a realizar – é esse o termo – *Éloge de l'image – Le Livre d'image*, exposição que nos leva ao interior de *Le Livre d'image*, obra realizada por Godard em 2018 (estreada em Portugal com o título *O Livro de Imagem*).

Pese o aparente tom melancólico, não esconde o seu entusiasmo. Depois de ter apresentado a exposição em Nyon, Suíça, em 2020, e em Paris, no ano passado, encontra-se em Lisboa, para dar a ver, de outro modo, o filme do seu amigo. Frise-se aqui a expressão “outro modo”. *Éloge de l'image – Le Livre d'image*, que é inaugurada amanhã, inserida no festival de cinema Leffest, com a colaboração da Trienal de Arquitectura, não é uma mera tradução do filme. Também não se pode reduzir a um trabalho tradicional de curado-

ria. Composta por sons, imagens, objectos, luzes e sombras, começa no primeiro piso, sobe às salas do palácio e conclui-se num pátio, à volta de uma árvore centenária.

“Não sou um curador, mas o realizador desta exposição”, sublinha

Fabrice Aragno. “A exposição pode, se quiser, ser vista como um filme e tem uma história. Em 2019, a equipa do [festival de cinema de Nyon] Visions du Réel convidou o Jean-Luc Godard a fazer um filme, um projecto, o que quisesse. Disseram-lhe,



Fabrice Aragno recusa a condição de especialista em Jean-Luc Godard: “Se for especialista, é no Jean-Luc, não em Godard”

inclusive, que tinham o castelo [da cidade] vazio. Ele respondeu que não, que não tinha tempo. Então, eu disse-lhe que gostaria de fazer qualquer coisa, que talvez pudesse fazer qualquer coisa.”

A resposta do cineasta foi imediata e encorajadora: “Faz o que quiseres.” Mãos à obra, logo pensou o jovem Fabrice. “O palácio tinha outro tipo de salas, janelas que abriam para a cidade e para o lago. Estávamos ainda a viver a pandemia e propus-me a remontar o filme, reeditar cada uma das suas imagens no espaço. A ideia foi, desde o início, permitir que o visitante andasse dentro do filme, de um capítulo para o outro ou entre capítulos. Em Nyon, como agora em Lisboa, quis dar liberdade à imagem.” Mas essa liberdade não seria elemento que *Le Livre d'image* já reflectia? “Não sei. O que posso garantir é que procurei exprimir o meu sentimento sobre as imagens. A maioria não foi produzida originalmente para o filme. Godard montou-as, editou-as. Aqui, eu desmontei-as, coloquei-as no espaço. É uma forma de entrarmos na cabeça do Jean-Luc, refazendo as ligações em nós próprios.”

Dar espaço ao filme na nossa mente

Fabrice Aragno refere-se à experiência de estarmos dentro do processo de edição, de montagem do filme. Enquanto avançamos pelas salas do palácio, vai-nos indicando o modo como concebeu a montagem. Os cinco capítulos do filme não aparecem pela sequência original. Numa das salas, de cujos tectos caem lonas de tecido, podemos, em simultâneo, ver imagens de três capítulos diferentes. Passamos pelas imagens e as imagens passam por nós. Vêm-se livros no chão, iluminados por discretos candeeiros. E podemos nos sentar em cadeiras (sempre duas) ou em bancos de museus (apenas com espaço para duas pessoas).

O que ganhamos e perdemos com

esta passagem do filme à instalação? “Ganhamos tudo”, responde. “Quando vemos *Le Livre d'image*, percebemos que é muito profundo, cheio de camadas que se sobrepõem, que, por vezes, não conseguimos apanhar. Aqui podemos ficar meia hora ou mais diante de cada capítulo. E tendo presente que não estaremos a ver a mesma coisa, mas, de modo sempre diferente, fragmentos do mesmo filme.”

Quando o Ípsilon se encontrou com Fabrice Aragno, a exposição ainda estava numa fase muito inicial da montagem, mas não era difícil intuir, aqui e ali, a voz de Godard, os inesperados trechos musicais, a interrupção abrupta nas e das imagens. Tal impressão levou-nos a colocar uma questão: nos últimos 15 anos da sua vida, Godard ainda amava o cinema? “Claro”, replica Fabrice, “mas de que cinema está a falar?” Aquele pelo qual se apaixonara quando jovem, respondemos. “O seu olhar mudou, claro, mas o cinema continuou a ser a sua paisagem. Seja como for, o cinema para ele não era apenas o cinema clássico. E [Godard] continuou a pensar, a trabalhar, a construir o seu cinema.”

Seguimos Fabrice pelas salas do palácio onde se vêem televisores, projectores e ecrãs. “O que o deixava cansado e frustrado era a superfície do ecrã e a ideia de que o filme não tinha princípio ou fim. Em Nyon, foi visitar a exposição antes da inauguração e confesso-me que se sentiu agarrado pela montagem, que eu colocara espaço no seu filme.”

É um pouco essa experiência que Fabrice Aragno quer proporcionar ao visitante. Mostrar como o filme (nos) trabalha, como continua conosco depois de dele nos afastarmos. “Por vezes, temos a sensação de que um filme acabou assim que o vimos. Na verdade, podemos viver com ele durante anos. As suas imagens vivem conosco durante a noite, enquanto dormirmos, ou durante o dia, sem darmos conta.” Em certos cantos das salas, há livros que o visitante pode folhear, quase todos vindos da biblioteca de Godard e todos utilizados pelo cineasta em *Le Livre d'image*. Revelemos alguns: catálogos de exposições ou de obras pictóricas (Goya, por exemplo) com páginas recortadas pelo próprio; romances (*Anna Karenina* de Tolstói ou *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf), livros de poesia (Rilke) ou filosofia (por exemplo, *Sentiments, passions e signes* do francês Alain, que deu o título à exposição em Nyon). “Se quisermos perceber o que é um filme, fazer uma exposição sobre esse filme pode ser uma boa ideia. Podemos desmontá-lo, colocá-lo no espaço. Quando fazemos isso com as nossas mãos e os nossos braços, percebemos ou podemos compreender melhor outras conexões.”

A propósito de conexões, comentamos a sequência retirada de *O Prazer* de Max Ophüls em que a personagem interpretada por Jean Gabin corre atrás de um comboio, para se despedir de uma mulher. “Diria que é um adeus [do Godard] ao

“Faz o que quiseres”,
disse-lhe Godard,
e Aragno montou
uma exposição onde
podemos andar
“dentro do filme”
Le Livre d’image

cinema. O Jean Gabin beija a rapariga e diz adeus ao cinema”, sugere. Mas que cinema vai desaparecer ou, de facto, já desapareceu? “Um certo cinema, talvez. Todas as coisas têm o seu tempo. Antes, se reparar, o próprio Godard diz [no filme] que o que resta de uma sociedade é a sua arte. Se a literatura ainda continua, isso tem que ver com o facto de os seus meios técnicos não terem mudado muito, de continuarem pouco complexos. Já o cinema é de facto uma técnica e mudará com ela. Que arte surgirá daí, não sei, mas já foi um milagre termos feito arte com ela, não concorda?”

Fabrice Aragno estudou Arquitectura e trabalhou em teatro de marionetas, área onde encontrou uma liberdade total. “Um teatro de objectos e imagens, com pequenas e poucas coisas. Não havia regras, completamente livre. Depois vi a abertura de *O Eclipse* (1962) [de Michelangelo Antonioni] e decidi ir estudar cinema. Compreendi que se tratava de uma arte que exprimia momentos sem palavras, fazendo imagens do real. Era maravilhoso. Entrei, então, numa escola de cinema onde me disseram que tinha de fazer coisas mais simples, com regras. Contar e resolver histórias. Isso era o cinema. Pensei: não, não era isso que encontrava nos filmes do Antonioni ou do Fellini. Mas continuei na escola até fazer um curta-metragem que foi mostrada em Cannes, em 1999.” O pequeno filme chamaria a atenção de um produtor que lhe fez a seguinte pergunta: “Gostarias de trabalhar com o Jean-Luc Godard?” “Respondi que sim, mesmo se na mente tinha a imagem de um artista um pouco inacessível. Ora, quando nos conhecemos e começámos a trabalhar juntos, essa imagem desapareceu. Encontrei nele e no seu cinema a liberdade do teatro de marionetas. E isso deixou-me muito feliz.”

Chegámos, entretanto, ao fim da nossa conversa. Diante de nós, temos o banco para duas pessoas, mote para uma observação final de Fabrice: “O cinema é sempre uma ligação entre dois. Uma imagem com outra imagem, uma imagem com a nossa mente.” Sob o efeito de alguma luz, na escuridão da sala ou do espírito, palavras nossas.